

A CONTRIBUIÇÃO DE MATO GROSSO NA CONSTITUIÇÃO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA

Elizabeth Madureira Siqueira

Mato Grosso contribuiu de forma singular no processo de constituição da nação brasileira. Seu território foi percorrido inúmeras vezes pelos colonizadores e adelantados espanhóis e pelos jesuítas desde o século XVI, mas, sem dúvida, estava guardado para ser o antemural da Colônia portuguesa. Essa predestinação, certamente, não fora obra do acaso. Os espanhóis, por terem encontrado precocemente as ricas minas de prata do Peru, preocuparam-se em manter caminhos e colonos naquela rica região. Por isso mesmo ficaram agarrados aos contrafortes andinos, como que de costas para a parte leste que, por Tordesilhas, pertenceria à Espanha. Muitos adelantados chegaram mesmo a atravessar o território mato-grossense, porém nem a beleza do Pantanal foi suficiente para seduzi-los, pois o brilho da prata falava mais alto. Vejamos uma amostra da passagem dos hispanos por terras mato-grossenses.

Em 1515, **Juan Díaz de Solís**, cosmógrafo espanhol, penetrou pelas águas do rio Paraná-Guaçú (Paraná Grande), porém alguns membros de sua expedição foram devorados pelos índios Charua, da nação Guarani. O nome de Solís, morto nessa ocasião, ficou perpetuado no Rio Solís, situado na Argentina. Aqueles que sobreviveram, conseguiram atingir terras do atual estado de Santa Catarina e ali permaneceram. A notícia de que os índios Guarani, moradores do Rio da Prata, utilizavam-se de pranchas de metal, fez com que esses náufragos se aventurassem, novamente, em busca de minas de prata. Comandados desta vez por **Aleixo Garcia**, partiram de Santa Catarina, atingiram o rio Paraguai, conquistando os índios Guarani que se tornaram aliados. Assim, a expedição de Garcia, acrescida desses índios, chegou a contar com mais de 1.000 elementos. Rumando rio Paraguai acima, atravessaram o Chaco onde, na altura do Pão de Açúcar, fundaram a aldeia de **San Fernando** (1520), porém ali não se detiveram, prosseguindo em direção ao Peru de onde retornaram trazendo muita prata. No regresso, Aleixo Garcia foi assassinado pelos índios, porém a notícia da existência de grande quantidade de prata nos contra-

fortes andinos, já havia chegado ao conhecimento dos companheiros que haviam permanecido em Santa Catarina.

A continuidade das façanhas de Aleixo Garcia foi empreendida por Sebastian Caboto, navegador a serviço da Espanha. Desistindo de seu empreendimento inicial, que era atingir o Oriente através das Molucas, resolveu ele ir no encalço das famosas minas de prata. Infeliz na empreitada, pois a Coroa espanhola enviara para a região do Rio da Prata uma outra expedição comandada por Diego Garcia, Caboto retornou, em 1530, à Espanha e a saga em busca das famosas minas de prata ganha novos atores.

As notícias sobre os imensos tesouros peruanos se espalhavam por toda a Europa e uma nova expedição foi montada pelo nobre Pedro de Mendonça que, com sua própria fortuna, bancou uma grande expedição, à qual agregaram Juan de Ayolas, Domingos Martinez Irala e muitos outros, sendo composta de 14 navios, 2.500 soldados espanhóis e 150 alemães, além de 72 cavalos. Tal como os conquistadores anteriores, a expedição de Ayolas subiu o Rio Paraguai, onde fundou o **Porto de Candelária**, atravessou o gran Pantanal tendo, nessa ocasião, dado guerra aos índios Paiaguá e Guaicuru, habitantes nativos dessa região. Rumando, como era seu objetivo, para os Andes, Irala conseguiu chegar até a aldeia dos índios Charcas, dos quais obteve muitos objetos de metais preciosos: placas, braceletes, coroas, vasilhas de todos os tamanhos em ouro e prata.

De volta dessa proveitosa viagem, Domingos Martinez Irala foi morto pelos índios Paiaguá. Seu sucessor foi Alvar Núñez Cabeza de Vaca que determinou a Domingos Martinez Irala que subisse o rio Paraguai. Partiu ele de Assunção, em 1543, e chegou à Lagoa Gaíba, a que deu o nome de **Puerto de los Reyes**. Uma segunda expedição, que também partiu de Assunção, alcançou as águas do Rio Paraguai acima, atravessando o Pantanal mato-grossense – região onde habitavam os famosos índios Xarayes – rumando para os Andes. Uma terceira expedição, comandada por Nunfrio de Chaves (1558) segue em direção às lendárias terras peruanas e, no retorno, funda, em 1561, a cidade de Santa Cruz de la Sierra, nova capital da Província de Chiquitos.

Muitas outras expedições foram realizadas e, como vimos, a

rota preferida por esses adelantados hispânicos era aquela que tinha como ponto final as minas do Peru, situadas na faixa ocidental da América do Sul. Entretidos nesse itinerário, os espanhóis acabaram deixando de conquistar as terras situadas a Leste, reservadas aos portugueses. E, o mais importante, esses dois povos ibéricos não conseguiram se encontrar nas Américas e tampouco travaram batalhas pela posse das terras do Planalto Central, pelo menos até a segunda metade do século XVIII.

A movimentação dos colonos portugueses, especialmente dos bandeirantes paulistas, se processava vigorosamente tendo como ponto de referência o extremo Oeste. O objetivo que impulsionava esse movimento eram duas mercadorias de extremo valor para a época: os minérios e os índios. Estes últimos eram muito desejados pelas capitanias que não haviam ingressado na plantação da cana-de-açúcar sustentada pela mão-de-obra escrava africana, como fora o caso da capitania de São Paulo e de muitas outras que não se situavam na região nordeste. Assim, os bandeirantes adentraram ao sertão, rompendo definitivamente a linha de Tordesilhas em busca da tão almejada mão-de-obra indígena. Nessa movimentação, certamente, os achados auríferos eram sempre bem-vindos, o que fazia a opulência e a integração da capitania de São Paulo no âmbito do sistema colonial.

Nas primeiras entradas pelo território mato-grossense, os paulistas fincaram, na confluência do rio Miranda com o rio Paraguai, um campo entrincheirado, uma espécie de fortim para defesa desse roteiro interiorano rumo ao sertão. Com esse abrigo de guerra, os paulistas tinham segurança nos avanços rio Paraguai acima, cenário de muitas nações indígenas e campo propício de ouro e possivelmente prata. Foi avançando, a partir dessa trincheira que Antônio Pires de Campos, no ano de 1718, localizou os índios Coxiponé, nativos das margens do Rio Coxipó-Mirim. A bandeira de Pascoal Moreira Cabral seguiu ao encalço desses índios dando-lhes violenta guerra, na qual morreram muitos homens, de lado a lado. Depois de serem socorridos por outra bandeira capitaneada pelos irmãos Antunes Maciel, resolveram seguir para o Arraial de São Gonçalo Velho, ou Aldeia Velha, onde haviam deixado alguns homens arranchados às margens do Rio Coxipó. Logo após uma das refeições, alguns integrantes des-

sa bandeira, lavando os pratos no rio, encontraram, casualmente, pepitas de ouro. Estavam descobertas as **primeiras Minas mato-grossenses** (1719).

Não somente espanhóis e portugueses adentraram ao sertão em busca de índios e de ouro, mas também os jesuítas que, no afã de cristianizar os neófitos, terminaram por estender um verdadeiro cordão entre as duas Américas, no dizer do Visconde de Carnaxide. Fixados no extremo sul com as missões de Guairá, Tape e Itatim, seguiam mais ao nordeste fundando Moxos e Chiquitos, em território hoje boliviano, e, finalmente estenderam esse cordão até o extremo norte, tendo Vieira como o grande pastor dessa região.

Mas, indagaríamos, afinal, porque os espanhóis não avançaram no sentido oeste-leste e por que os paulistas conseguiram, com relativa tranqüilidade avançar em sentido contrário? E o que explica que durante 2 séculos nunca chegaram a se encontrar frente à frente? O que estaria obstaculando esse encontro? Preferimos a tese defendida pelo saudoso Prof. Uacury Ribeiro Bastos que, ao analisar o Paraguai colonial, concluiu que o motivo que impossibilitou esse encontro foi a existência de uma fronteira viva que se colocava entre não somente os dois Impérios coloniais, mas impedia que os jesuítas emendassem o seu cordão cristianizador.

Assim, os índios dessa parte da América do Sul, fugindo à dominação, posicionaram-se entre o Chaco paraguaio e o Pantanal mato-grossense, aossados que se encontravam pela movimentação empreendida, de Leste a Oeste, pelos bandeirantes paulistas, de Oriente para Ocidente pelos colonizadores espanhóis e fugindo, da mesma forma, à ação jesuítica que se estendia de Sul a Norte. Fora essa fatia sobrevivente dos índios que terminou formando uma fronteira viva que impediu, por quase 2 séculos, que as frentes colonizadoras, lusitana e espanhola, de encontrassem.

Atribuímos a esses índios, que lutaram bravamente pela defesa do seu território, e também à saga que timbrou a movimentação mameluca paulista, parcela significativa, senão fundamental, na constituição da fronteira oeste que estaria destinada ao Império lusitano.

Descobertas as minas do Coxipó, os paulistas mantiveram contato com a região, alardeada como possuidora de grandes veios

auríferos, através do sistema monçoeiro – expedições fluviais que, pelo caminho aquático, levavam as mercadorias de Porto Feliz-SP, no rio Tietê, até o mais recôndito sertão, atingindo o rio Cuiabá. Foi esse caminho pelas águas que estreitaram-se as relações de Mato Grosso com São Paulo, da qual as terras mato-grossenses fizeram parte até o ano de 1748.

1º roteiro

Rios Tietê (antigamente conhecido como Anhembi), Grande (rio Paraná), Anhandui, Pardo, travessia por terra pelos Campos das Vacarias, rios Meteteu (Miranda), Paraguai e Cuiabá.

Interessante notarmos que de 1719 até 1724, as monções iam e vinham sem qualquer constrangimento, visto que o campo entrincheirado, no rio Miranda, garantia a tranqüilidade do tráfego fluvial. Um incidente de feições políticas, no entanto, determinou a modificação do primitivo roteiro fluvial que, deixando de passar pela parte que hoje constitui território de Mato Grosso do Sul, via Campos da Vacaria, acabou se transferindo para aquele que teria como pouso a Fazenda de Camapuã. Vale lembrar que uma disputa de poder se estabeleceu entre os paulistas, mineradores e caçadores de índios de Mato Grosso liderados pelos Irmãos Leme, e o Governador da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Meneses que, antes de ir residir em Cuiabá, teve que exterminar, através de uma verdadeira guerra, o poder desse grupo original que tinha como propriedade a famosa fazenda de Camapuã. Ao acabar com os Irmãos Leme, o roteiro foi alterado, tendo por ele seguido para Cuiabá o Governador paulista que residiu, por dois anos, na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, fundada por ele a 1º de janeiro de 1727. Estendeu ele, dessa forma, o poder e a administração portuguesa até a parte mais interiorana da Colônia.

Quando o segundo roteiro foi estabelecido, o campo entrincheirado deixou de ter razão de ser, visto que o tráfego mudara de rota.

2º roteiro

Rios: Tietê, Grande (Paraná), Pardo, Miranda, Sanguessuga, travessia por terra pelo Varadouro de Camapuã, rios Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá.

Não foi coincidentemente que nesse ano de 1724, os índios chaquenhos e pantaneiros – Mbaia-Guaicuru e Paiaguá – empreenderam o rompimento da fronteira viva, deslocando-se em direitura às minas mato-grossenses e constituindo um terror às monções que eram violenta e inesperadamente atacadas, seja por rio, com os Paiaguá, exímios canoieiros que, escondendo-se sob as canoas emborcadas, quando perto do alvo, reviravam-nas e, com urros assustadores, investiam com suas longas lanças, arcos e flechas sobre os monçoeiros. Não atuavam eles sozinhos, mas auxiliados pelos Guaicuru, exímios cavaleiros que, deitados no dorso dos cavalos que, à primeira vista pareciam estar vagando a ermo, como bem registrou Debret, quando chegavam perto do ponto a atacar, alçavam sobre o lombo dos animais e, com suas longas lanças e tremendos urros, atacavam.

No ano de 1728, voltou o governador Rodrigo César para São Paulo, seguindo os mineiros do extremo oeste numa peregrinação sem fim em busca de novas minas de outros índios. Nesse percurso, acabaram, através dos Irmãos Paes de Barros, descobrindo as famosas Minas do Guaporé, as quais se avizinhavam de Santa Cruz de La Sierra e com as missões de Moxos e Chiquitos. Esse encontro determinou a criação da Capitania de Mato Grosso no ano de 1748, objetivando garantir para a Coroa portuguesa as terras tão duramente conquistadas a Oeste. Mato Grosso, no dizer de D. José I constituía a *chave e o propugnáculo do sertão do Brasil*, ou o *antemural da Colônia*. Temendo a reivindicação espanhola sobre os territórios conquistados e, principalmente, a perda das minas auríferas, visto que o Tratado de limite em vigor ainda era Tordesilhas, D. João V enviou para Mato Grosso um estrategista político e homem nobre, D. Antônio Rolim de Moura, mais tarde Conde de Azambuja, 3º Vice-Rei do Brasil. Incumbia-lhe não só fundar a capital de Mato Grosso no ponto mais vulnerável da Colônia, o alto rio Guaporé, mas, sobretudo

garantir que o Tratado de Madri respeitasse os avanços da fronteira. Trouxe ele a planta daquela que seria intitulada Vila Bela da Santíssima Trindade, capital onde residiu a maioria dos capitães-generais de Mato Grosso, constituída por militares de carreira que tinham como missão principal a defesa da fronteira oeste. Nessa empreitada construíram fortes, fortalezas e prisões, e, através de ações diplomáticas, evitaram todo e qualquer conflito armado com os colonos hispânicos.

Quando Madri foi implementado, as palavras do diplomático Alexandre de Gusmão demonstram a importância da configuração colonial para o combalido reino português que havia, no século XVII, perdido grande parte de suas possessões coloniais na África e Ásia. Dizia o citado Ministro:

*É imenso e dadivoso, Majestade,
Opulento, fértil, desmedido,
O império luso de além mar...
Ele é, da Coroa, o mais fúlgido brilhante.
A jóia primorosa, fascinante,
Qual, melhor não se pode arquitetar!*

A decisão de se estabelecer a capital de Mato Grosso no alto Guaporé contou, dentre muitos problemas, com o do abastecimento, pois as monções cuiabanas (Tietê/Cuiabá) encontravam dificuldades em levar os produtos até a capital, devido ao acidentado trajeto que se entrepunha entre as duas vilas. A solução veio de Portugal, através da ilustrada política implementada pelo Marquês de Pombal que criou a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, interligando Belém do Pará a Vila Bela através dos rios Amazonas, Madeira e Guaporé. Por essa aquavia tornava-se mais fácil o contato direto com Portugal, pois, de Belém, rumava-se ao Oceano Atlântico e, dele, à Europa. Por essa Companhia chegavam a Vila Bela produtos alimentícios, vestimenta, ferramentas, escravos, medicamentos, enfim, tudo de que necessitavam os seus moradores. Na torna-viagem, essa empresa levava algum ouro, extraído das minas da região, e muita dívida, pois os comerciantes e colonos guaporeanos, devido à precoce decadência da mineração, terminaram endividando-se, o que levou a Com-

panhia a se extinguir após alguns poucos anos de atuação.

Muito poderia ser dito sobre a função de Mato Grosso durante o período colonial, especialmente das dificuldades que lhe sobreveio com a exaustão de suas minas, quando uma imensa pobreza e isolamento adveio da desativação das duas aquavias. Os matogrossenses, no entretanto, criaram um viver tipicamente sertanejo, alegre, sem ostentação, porém riquíssimo culturalmente. Foi o que testemunhou Karl von den Steinen, alemão que passou por Cuiabá rumo ao Xingu, na segunda metade do século XIX, expressando-se da seguinte maneira:

Não é possível que haja uma outra cidade no mundo onde se toque mais música, se cante mais, se jogue mais baralho do que aqui... É impossível, também, que em algum lugar se alteiem mais freqüentemente os estandartes da procissão e se saiba associar melhor as missas com os prazeres sociais. [...] A vida social é o lado agradável de Cuiabá. Uma festa resgata a outra, e em toda parte se é bem acolhido. (Steinen, Karl von den. O Brasil Central, p. 68 e 84).

Com a decadência da mineração, a redefinição econômica de Mato Grosso se processou após a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, episódio de extremo sacrifício para a população matogrossense que, sem contar com a ajuda das forças Imperiais, visto ter sido bloqueada a comunicação pela República do Paraguai, lutou bravamente e muitos de seus filhos morreram em combate, a exemplo de Antônio João e muitos outros. Não bastasse o volume de mortes que ocorreram no território sul da província, Cuiabá, que não foi palco direto da guerra, acabou tendo mais de 2/3 de sua população dizimada em função da peste da bexiga ou varíola, levada à capital pelos alegres e otimistas mensageiros da retomada de Corumbá, no ano de 1867. Nessa ocasião morreram famílias inteiras, não havia vacina e muitos corpos ficavam insepultos no meio das ruas ou no interior das casas.

Findada a guerra, foi refranqueada a navegação pelo rio Paraguai e Mato Grosso, como que por recompensa, inaugurou uma nova fase de sua História, ingressando, com vigor e entusiasmo, no comércio internacional através na hidrovia rio Paraguai, estuário do Rio da Prata, Oceano Atlântico, portos costeiros nacionais e atingindo a Europa. O papel de Mato Grosso nesse movimento que marcou

o capitalismo internacional, já em sua fase industrial, foi o de fornecedor de matérias-primas, a exemplo dos produtos que abundavam na região: penas, crinas, couro, carne-seca, chifres, unhas, mas sobretudo, com a mercantilização dos produtos oriundos das atividades extrativistas impulsionadas por ocasião da abertura da fronteira do capital. Assim, extraía-se, com beneficiamento mínimo, a poaia ou ipecacuanha, raiz rica em emetina e de grande interesse para os laboratórios farmacêuticos europeus, o látex, extraído das mangabeiras nativas que, transformadas rudimentarmente, eram exportadas para o Velho Mundo. A erva-mate também constituiu um produto que, colhido dos ervais nativos, especialmente graças ao trabalho da empresa Mate-Laranjeira, tinha sua venda garantida para as indústrias portenhas que, transformando as folhas em finíssimos chás, reexportavam a produção em direitura aos mercados europeus.

Além desses benefícios, Mato Grosso iniciou sua industrialização através de dois importantes ramos de sua economia: na pecuária com os saladeiros e na agricultura com a cana-de-açúcar através das Usinas açucareiras que proliferam ao longo do rio Cuiabá abaixo. Em trabalho exemplar sobre a temática, cuja 2ª edição está sendo promovida pelo IHGMT, o Dr. Lenine de Campos Póvoas – *O ciclo do açúcar e a política de Mato Grosso* – vincula essa atividade industrial com o cenário político regional, onde demonstra que, tanto na região do Rio Abaixo, como no rio Paraguai, os industriais comandavam não somente a economia regional, mas também atuavam de forma maciça no âmbito da política.

região	produto
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...

PRINCIPAIS USINAS DE MATO GROSSO

USINA	LOCALIZAÇÃO	FUN-DAÇÃO	PROPRIETÁRIO INICIAL
Conceição	Margem direita do rio Cuiabá, pouco acima do porto de Sto Ant. do Leverger	1880	Joaquim José Paes de Barros
Itaici	Margem direita do rio Cuiabá, acima da cidade de Barão de Melgaço	1896	Antônio Paes de Barros (Totó Paes)
Maravilha	Margem direita do rio Cuiabá, abaixo de Sto. Ant. do Leverger	1928	Alberto Garcia e Palmiro Paes de Barros
Flexas	Margem direita do rio Cuiabá	XIX	Cesário Correia da Costa
Aricá	Margem direita do rio Cuiabá, na barra do Aricá-Açú, ou Bambá	1890	Antônio Manuel da Silva Fontes
São Gonçalo	rio Cuiabá Abaixo	S.d.	-----
Tamandaré	rio Cuiabá Abaixo (margem esquerda)	1818	Antônio Joaquim Moreira Serra
Ressaca	Rio Paraguai	1872	Francisco Vilanova

Descalvados representou o maior estabelecimento industrial de transformação dos subprodutos bovinos. Instalado em pleno rio Paraguai, próximo à cidade de Cáceres, essa indústria, composta de capital estrangeiro, representou um importante ramo industrial da região Centro-Oeste. Ao seu lado, os saladeiros proliferaram tanto em território que hoje compõe o Estado de Mato Grosso do Sul, como no de Mato Grosso.

Saladeiro	Município
Bagoari Corumbá Rebojo	Corumbá
Barranco Branco Mato Grosso	Porto Murtinho
Alegre	Coxim
São João	Poconé
Cuiabá	Cuiabá
Pedra Branca	Miranda
Aquidauana	Aquidauana

Campo Grande Rio Pardo Esperança	Campo Grande
Serinha	Três Lagoas

Esse novo andamento econômico foi responsável pela dinamização dos setores comercial, financeiro e náutico, uma vez que Mato Grosso, a partir da abertura da navegação pelo rio Paraguai, recebeu um grande fluxo migratório, especialmente de italianos, alemães, espanhóis e portugueses que se instalaram nas três mais importantes cidades portuárias – Corumbá, Cáceres e Cuiabá – as Casas Comerciais que, além de implementarem o movimento de importação e exportação, constituíam-se em Agências Bancárias, com representação de grandes Bancos europeus e nacionais. Os proprietários das Casas Comerciais vincularam-se também às atividades extrativas, tornando-se grandes proprietários de terras onde eram extraídos, principalmente, a poaia e a borracha.

Com essa redefinição econômica, Mato Grosso beneficiou-se em outras áreas, como a cultural, quando, através do movimento internacional do capital, chegavam livros, compêndios, obras de arte, instrumentos musicais, maquinaria específica para montagem da imprensa, enfim, os benefícios foram significativo no campo cultural.

Durante a primeira metade do século XIX, os mato-grossenses escreviam na *Matutina Meiapontense*, jornal goiano editado na antiga capital de Goiás, Pirenópolis. Ali existiam duas colunas exclusivamente escritas por mato-grossenses: *Miscelânea Cuiabanense* e *A Província de Mato Grosso*. Na segunda metade do citado século verificamos um crescente incremento da imprensa escrita, especialmente **jornais**, fundados nas três mais importantes cidades portuárias de Mato Grosso: Cuiabá, Cáceres e Corumbá:

<i>Jornal</i>	<i>Local</i>	<i>Período de circulação</i>
Club Litterario	Cuiabá	1882
Echo Cuiabano	Cuiabá	1850
Echo de Cuyaba	Cuiabá	1884
O Expectador	Cuiabá	1884-1888
A Gazeta Cuyabana	Cuiabá	1847-1848
A Imprensa de Cuyaba	Cuiabá	1859-1865
O Liberal	Cuiabá	1871-1882
A Liça	Cuiabá	1885
A Locomotiva	Cuiabá	1882-1883
O Noticiador Cuyabano	Cuiabá	1857-1859
O Popular	Cuiabá	1868
O Porvir	Cuiabá	1877-1878
O Povo	Cuiabá	1879-1882
A Província de Mato Grosso	Cuiabá	1879-1889
Pyrilampo	Cuiabá	1882
A Situação	Cuiabá	1869-1887
A Tribuna	Cuiabá	1885-1890
O Atalaia	Cáceres	1887-1889
O Corumbaense	Corumbá	1881-1889
O Iniciador	Corumbá	1879-1886
Oásis	Corumbá	1888-1896
A Opinião	Corumbá	1878-1880
A Tesoura	Corumbá	1878

Da mesma forma proliferou o número das escolas públicas e privadas, dando-se incremento ao ensino secundário que, a partir de 1879, somava a dois estabelecimentos dessa natureza, além do Curso Normal.

Estabelecimentos Escolares - século XIX

Escola	Ano	Natureza
<p>Seminário da Conceição Ministrava o ensino secundário, preparando jovens para ingressar nas Faculdades e Universidades e também formando clérigos, dedicados à carreira religiosa.</p>	<p>1858</p>	<p>Escola Particular de cunho religioso</p>
<p>Colégio Imaculada Conceição Proprietária: Carolina Amélia Castro Câmara</p>	<p>1870 26/set.</p>	<p>Escola particular de ensino primário</p>
<p>Curso de Matemáticas Proprietário: Prof. Zeferino Pimentel Moreira Freire</p>	<p>1871</p>	<p>Escola particular Aulas avulsas de matemáticas</p>
<p>1ª Escola Normal De curta duração</p>	<p>1875</p>	<p>Formação de Professores</p>
<p>Colégio São João Batista Fundado pelo Protonotário e Professor, Padre Ernesto Camilo Barreto Neste estabelecimento eram ministrados o ensino primário e secundário, sob o regime de externato e internato.</p>	<p>1879 7 de janeiro</p>	<p>Escola Particular de cunho religioso - Ensino primário e secundário</p>

<p>Liceu Cuiabano Estabelecimento Público voltado para o ensino secundário. Nesta escola eram ministrados dois cursos: - Curso de Humanidades: preparatório para o ingresso nas Faculdades e Universidades - Curso Normal: para a formação de professores</p>	<p>1879 13/dez. - Lei 536</p>	<p>Ensino Público secundário</p>
<p>Externato Matogrossense Estabelecimento fundado por três jovens mato-grossenses que haviam se formado nas Faculdades do Império: - Antônio Corrêa da Costa - Manuel Esperidião da Costa Marques - João Carlos Muniz Nesta escola eram ministrados ensino primário e secundário</p>	<p>1882</p>	<p>Ensino Particular primário e secundário</p>

Visitantes de Mato Grosso – século XIX

Mato Grosso, desde a sua descoberta (1719), sempre foi considerado como “Eldorado”, terra da promessa, local onde o ouro e os metais preciosos proliferavam em abundância. Esse estigma atraiu muitos viajantes, aventureiros e cientistas que chegavam a Mato Grosso para verificar a real do ouro, dos diamantes e também de outras riquezas encontradas em seu subsolo, em sua **fauna** e em sua **flora**. Despertava-lhes muita curiosidade os habitantes originais de seu território: os **índios**. Mais conhecido, Mato Grosso foi visitado por inúmeros cientistas e viajantes estrangeiros:

Ano	Visitante
1825-28	Expedição russa (Expedição Langsdorff) comandada pelo Barão Grigory Ivanovith Langsdorff
1844	Expedição francesa formada de botânicos e comandada por Francis Castelnau
1862	Bartolomé Bossi, explorador italiano
1881	Expedição Morgan, integrada pelo norte-americano Herbert Smith
1884	Expedição alemã comandada por Karl von den Steinen
1887	Segunda Expedição alemã comandada por Karl von den Steinen

A vida cultural de Mato Grosso durante o século XIX comportava ainda inúmeras agremiações cujos objetivos eram desenvolver as artes cênicas (teatro), música e literatura. Vejamos as principais:

Ano de Fundação	Instituição	Atividade
1867	Sociedade Teatral, organizada pelo Presidente da Província, De Lamare	Teatro
1874	Gabinete de Leitura	Biblioteca
1877	Sociedade Dramática Amor à Arte	Teatro, Música
1882	Clube Literário	Literatura
1883	Sociedade Terpsícore Cuiabana	Música, Literatura
1884	Sociedade Literária Cuiabana	Literatura
1893	Escola Dramática	Teatro
1897	Clube Minerva	Literatura, Música
1899	Sociedade Internacional de Estudos Científicos	História, Geografia do Brasil e de MT

Quando Mato Grosso ingressou no século XX, restava ainda um conhecimento mais profundo de seu imenso território. Essa obra, de grandeza reconhecida nacional e internacionalmente, foi executa-

da pelos emérito mato-grossense Cândido Mariano da Silva Rondon, designado pelo Ministério do Exército para executar uma obra hercúlea: estabelecer a ligação telegráfica entre Mato Grosso e o Amazonas. Rasgando territórios nunca antes palmilhados, assentando postes e estendendo fios Rondon preferiu o apoio dos índios, segmento da população mato-grossense tão desprezado e mal compreendido. Utilizando-se do saber indígena, Rondon procurou estabelecer uma integração entre eles e a sociedade envolvente. Sabedor de que esse devassamento expunha os índios às novas frentes econômicas que certamente se estabeleceriam na região, criou ele o SPI, instituição que tinha como propositura a proteção não somente dos povos indígenas, mas também dos caboclos habitantes do imenso sertão. Rondon terminou por se tornar o maior e mais importante protetor dos índios e caboclos brasileiros, segmentos que utilizavam com racionalidade os recursos naturais e que jamais estabeleceriam o desequilíbrio e desmatamento ambiental a que hoje assistimos. Os índios integrados à Comissão das Linhas Telegráficas tinham um especial carinho para com Rondon, chegando mesmo a considerá-lo um verdadeiro pai.

Depoimento de um índio Paresi

Ele mandou ensinar o telégrafo aos melhores alunos Paresi, para um dia... Por exemplo, ele sabia que o civilizado não ia enfrentar a dureza do sertão, como o próprio filho do sertão... Então, tudo deu certo! Ele queria que ensinasse os índios Paresi, pra telegrafista, pra aprender o Morse. Porque essa linha dele, talvez um dia podia acabar e, sendo os alunos, como telegrafistas, os índios Paresi, eles passam só com mandioca e farinha seco e vai pegar peixe no rio... E o civilizado não, não vai se sujeitar a isso. Ele larga, fecha a estação e vai embora.

Fonte: Roberto, Maria de Fátima. Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930), p.88.

Ou ainda

Depoimento de um índio Bakairi sobre Rondon

É como sempre eu falo: eu agradeço primeiramente a Deus, depois ao marechal Rondon. Eu tenho ele como pai, de vez em quando mando celebrar missa em intenção da alma dele. Depois que ele morreu, eu disse que um dia eu ia pro Rio visitar o túmulo dele. Achei e visitei. Tô satisfeita, porque tudo o que sou, tudo o que tenho, quem sou eu, aqui, agradeço a Deus e depois a ele, o marechal Rondon. Serviço dele. Era o prazer dele ver o índios ler.

Fonte: Roberto, Maria de Fátima. *Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930)*, p.71

A contribuição da Comissão Rondon deve ser reconhecida também pelos avanços científicos por ela realizados. Assessorado por um grupo de cientistas dos mais variados ramos como engenheiros, botânicos, sanitaristas, engenheiros, médicos, Rondon desenvolveu com eles um trabalho de extrema relevância para o desenvolvimento científico nacional. O resultado completo dessas pesquisas pode ser encontrado junto ao Museu Nacional, que armazena peças e estudos realizados pela Comissão.

Rasgar a fronteira territorial mato-grossense ensejou um intenso processo migratório a partir de 1950 e intensificado de forma violenta a partir de 1970, quando programas oficiais de colonização e a entrada de empresas colonizadoras privadas determinou a real transformação do cenário do Estado. Um novo Mato Grosso surgiu, calcado na mineração. Foi nesse movimento que registramos o povoamento da sua região Leste através da intensa migração de nordestinos e nortistas cuja atividade primordial era a mineração de diamante.

Foi, no entanto, a partir de 1970 que Mato Grosso recebeu o maior contingente migratório de toda a sua história, os sulistas que povoaram as partes norte, nordeste e noroeste do Estado tendo por base as atividades agrícolas e pastoris. Esses migrantes, em suas sagas, estenderam suas raízes até o Centro-Oeste e ali deram nascimento a inúmeras cidades, responsáveis pela quintuplicação do número dos municípios mato-grossenses.

A integração de Mato Grosso na região Amazônica foi realizada com o lançamento do PRODOESTE – Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste, em 1971, e pelos I e II PIN – Planos Nacionais de Desenvolvimento. Com eles, o número de rodovias aumentou de 2 para 6: BR-070, BR-163, BR-262, BR-364, BR-376 e BR-463, as quais interligavam Mato Grosso às principais capitais.

Para atender às novas exigências produtivas do Centro-Oeste e Amazônia, o governo federal criou programas regionalizados, os quais objetivavam estimular e assegurar a continuidade dos habitantes nas regiões abertas à colonização, como garantir recursos e verbas para estimular o desenvolvimento dessas regiões. Assim, foram criados o POLAMAZÔNIA – Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia –, o POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados, o POLONOROESTE – Programa de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil, e o PRODEPAN – Programa de Desenvolvimento do Pantanal. Esses programas eram coordenados por organismos federais e contavam com recursos estrangeiros, especialmente do Banco Mundial. Por outro lado, o governo de Mato Grosso criou o PROBOR – Programa de Incentivo à Produção de Borracha Vegetal, objetivando incentivar a extração do látex e replantio dos seringais. Por esse programa foram estimulados investimentos na região de Diamantino, Barra do Bugres e Arenápolis para formação de novos seringais, sendo que na região de Aripuanã, Vale do rio Juruena e do rio Arinos, ao longo da rodovia Cuiabá-Santarém, onde os mangabais e seringais eram nativos, uma forma moderna de sua extração e beneficiamento.

Todos esse conjunto de ações planejadas estava assentado numa proposta eminentemente capitalista, onde a exploração da terra deveria ser feita visando a exportação e a comercialização interna dentro de padrões internacionais.

O único projeto que tinha uma proposta menos postíça e que pretendia articular as condições das populações nativas com as modernas formas de produção foi o Projeto Aripuanã. Esse Projeto objetivava estabelecer uma relação harmônica de troca entre dois saberes diferenciados: aqueles dos índios e caboclos, e aquele da sociedade moderna. Para tanto, ao lado das comunidades “primitivas”,

estabeleceram-se 4 grandes empresas. Pela troca de experiências, poderia se atingir um nível ideal no tratamento das questões agrícolas, pastoris e mineralógicas. Assim, esse programa tinha como meta *o crescimento auto-sustentado com preservação do equilíbrio ecológico*. (Becker, 97. Apud: Castro, Maria Inês Malta e Galetti, Lylia da S. Guedes. *Histórico dos usos da biodiversidade em Mato Grosso*, p.131).

Esse projeto foi interrompido antes mesmo que desse frutos, sendo que hoje predomina na região um modelo produtivo capitalista agro-industrial, sendo que a proposta inicial foi descartada.

Assim, a concentração de terras no território mato-grossense se processou de forma espantosa, visto que, segundo levantamento do IBGE, relativo ao ano de 1996, o panorama dessas terras mostrava que menos de 30% das propriedades de terra estão nas mãos de pequenos e médios proprietários, sendo que 70% delas constituem-se em grandes propriedades, latifúndios que possuem entre 10.000 e 100.000 hectares.

Nessa movimentação, vários problemas ecológicos e ambientais se apresentaram em escala quase que irreversível: extração desenfreada de madeiras, ocasionando um desmatamento nunca visto em todos os tempos, visto que ela o mesmo realizado com a utilização de alta tecnologia; a mineração de diamante e ouro com a utilização do mercúrio; a destruição das matas ciliares, elementos de sustentação do leito dos rios, ocasionou uma diminuição da profundidade das grandes vias navegáveis de Mato Grosso; a utilização desregrada do solo, gerando profundas e até mesmo irrecuperáveis erosões.

Isso está gerando contemporaneamente sérias e acaloradas discussões na implantação do MERCOSUL – Mercado Comum do Sul – que teria, na artéria fluvial Paraná-Paraguai o grande esteio para a dinamização da produção e integração de Mato Grosso ao mercado globalizado. Hoje, empresário de Mato Grosso mantém constante comunicação com os países integrantes do Mercosul: Bolívia, Peru, Chile, afora com os países platinos.

O ponto principal de apoio ao Mercosul em Mato Grosso é o porto Cáceres, onde já foi instalada a ZPE – Zona de Processamento de Exportação. Nessa zona foi iniciada a instalação de um Distrito

Industrial responsável pelo beneficiamento da produção agrícola e pecuária.

A FERRONORTE é outro grande benefício para Mato Grosso que, desde as primeiras décadas do século XX esperou, em vão, a chegada da Noroeste do Brasil. Esse empreendimento, inaugurado oficialmente no ano de 1999, integrará o grande sistema de escoamento da produção agrícola e pecuária.

O GASODUTO, por outro lado, já está sendo uma outra opção energética para Mato Grosso. Conduzido da Bolívia, esse gás auxiliará o desenvolvimento regional.

Uma grande questão se coloca nesse processo de globalização: a questão ambiental e a humana. A concentração de renda e de terras caracteriza o cenário mato-grossense que conta com um ingrediente ainda mais complicador: os índios que estarão, certamente, a mercê dessa movimentação exógena ao seu universo cultural.

Hoje, Mato Grosso é um Estado de múltiplas culturas e etnias, o que lhe dá condições de desenvolvimento econômico diversificado e de expressões culturais múltiplas. Fechando essa comunicação, gostaria de fazer um brevíssimo exercício, utilizando a culinária, como pretexto, para demonstrar a contribuição de Mato Grosso para a formação da nacionalidade brasileira:

No processo colonizador contemporâneo de Mato Grosso levou de migrantes, oriundos, principalmente do Nordeste e Nortistas que escolheram o território mato-grossense para habitar e trabalhar junto ao garimpo de diamante, composto por maioria de nordestinos e nortistas. Das corrutelas garimpeiras, floresceram vilarejos que se transformaram em cidades e municípios. Essa zona diamantífera, onde o controle pelo poder era disputado palmo a palmo pelos chefes locais, ganhou fortes contornos da expressiva cultura nordestina.

Os sulistas, vieram em seguida, tendo escolhido a parte norte e central do Estado, adquiriram terras, trouxeram suas famílias, instalaram inúmeras madeireiras, plantaram algodão, soja, arroz, milho, sorgo e até mesmo uva e café, reminiscência de sua zona de origem. Nesse movimento contemporâneo, novas cidades, transformadas em municípios surgiram, dando a Mato Grosso uma feição completamente diversificada daquela anterior à década de 1950.

De 38 municípios existentes em 1976, momento de divisão do Estado, conta hoje com 142. Dessa movimentação, dinamizada pelo incremento das Empresas de Colonização – de cunho estatal ou privado –, floresceu um Mato Grosso ainda mais diferenciado que ao lado da originalíssima culinária feita à base do bolo de arroz, da paçoca de pilão, da banana frita, do peixe com mandioca, dos bolos de queijo e de arroz, acrescentou a contribuição nordestina e nortista com a carne-seca e a manteiga de garrafa, cujo sabor ficava ainda melhor quando precedido do forró e da sanfona. A colonização sulista incorporou uma nova culinária que passou a ser mais saborosa com o churrasco, o chimarrão, o tereré sorvidos ao som do alegres fandango e vanerão, tudo muito bem ornamentado com a bombacha.

A contribuição de Mato Grosso na constituição da nacionalidade brasileira é prenhe de significado e de expressiva contribuição. Rememorá-la nos 500 anos do descobrimento do Brasil oportuniza-nos fazer ecoar do extremo oeste, nossa saudação à Pátria que, ao lado de tantas conquistas, deve perseguir uma solução definitiva para o drama dos seus primevos habitantes – os índios – de sabedoria milenar e que resistindo à dominação colonizadora, mantiveram-se, ao longo dos 500 anos, como os arcanos da gente não só matogrossense, mas um dos mais emblemáticos símbolos da nacionalidade brasileira. Não olvidemos, mas assumamos também, nas festividades do quinto centenário de nossa pátria, o arco e flecha, o cocar, o tacape, o cauim e a pajelança.

FONTES/BIBLIOGRAFIA

ANAIIS do Senado da Câmara de Cuiabá. Cuiabá, APMT.

ARNAUD, Expedito. *Aspectos da legislação sobre os índios do Brasil*. Belém, Museu Goeldi, 1973.

BASTOS, Uacury Ribeiro de A.. *Expansão do Brasil Colonial no Vale do Paraguay (1767-1801)*. São Paulo, EDUSP, 1972.

CALHÃO, Antônio Ernani P. e outros. *Imprensa periódica mato-grossense (1847-1969)*. Cuiabá, EdUFMT, 1989.

- CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, INL, 1969.
- COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVII*. São Paulo, Estação Liberdade/Kosmos, 1999.
- CAMPOS, Antônio Pires de. "Breve notícia que dá do gentio que há na derrota das minas do Cuiabá[...]" In: *RIHGB*, v. 25, 1862.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Brasília, 1920.
- _____. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, INL, 1969.
- _____. *Mato Grosso: 1817-1840 e o papel da violência no processo de formação e desenvolvimento da província*. São Paulo, FFLCH/USP, 1977. (Dissertação de Mestrado).
- _____. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1981. (Tese de Doutorado).
- FLORENCE, Hércule. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas (1821-1829)*, São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977.
- LEITE, Luis-Philippe Pereira. *Forquilha: O fundador, a padroeira*. Rio de Janeiro, Casa da Moeda, 1982.
- MOURA, Carlos Francisco Rolim de Moura: *biografia*. Cuiabá, UFMT/Imprensa Universitária-PROEDI, 1982.
- MENDES, Natalino Ferreira. *Memória Cacerense*. Cáceres, Carlini&Caniato, 1998.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Rios Guaporé e Paraguai. Primeiras Fronteiras Definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro, Xerox do Brasil, 1985.
- MENDONÇA, Estevão de. *Datas Mato-Grossenses*. Niterói, Escola Typ. Salesiana, 1919. (2 vol.)
- MENDONÇA, Rubens de. *História do Poder Legislativo em Mato Grosso*. Cuiabá, Assembléia Legislativa de Mato grosso, 1974.
- _____. *História do Comércio em Mato Grosso*. Goiânia, Rio Bonito, 1973.

- _____. *História das Revoluções*. Goiânia, Rio Bonito, 1970.
- _____. *História do Poder Legislativo*. Bauru, Editora Bandeirante, 1969, 2 vol.
- _____. *A Sátira na Política de Mato Grosso*. Cuiabá, Edições do Meio, 1978.
- NEVES, Maria Manuela Novis. *Elites políticas: competição e dinâmica partidário-eleitoral (Caso de Mato Grosso)*.
- PÓVOAS, Lenine Campos. *O ciclo do açúcar e a política de Mato Grosso*. 2ª ed. Cuiabá, IHGMT, 2000.
- Roberto, Maria de Fátima. *Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930)*. Tese de Doutorado. USP, 1998.
- ROSA, Carlos Alberto. *O processo de Independência*. Cuiabá, Secretaria Municipal de Cultura, 1976.
- SÁ, José Barbosa de. *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Cuiabá, UFMT, 1976.
- SALVADOR, Frei Vicente. *História do Brasil (1500-1627)*. 3ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1918.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. "Pascoal Moreira Cabral Leme". *RIHGMT*, 1997.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Dicionário biográfico do Mato Grosso colonial*. Cuiabá, s/d., mimeo.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Revivendo Mato Grosso*. Cuiabá, MEC/SEDUC, 1997.
- _____. "As Minas de Cuiabá: primeiros tempos". *Revista Universidade*, II (1) - Cuiabá, 1982.
- _____. "Mão-de-Obra ao Pé da Obra: a presença do índio no processo produtivo do Brasil Colônia". *Revista Universidade*, IV(2) - Cuiabá, 1983.
- _____. "O Segmento Indígena: uma tentativa de recuperação his-

tórica". *Boletim Terra Indígena*, 3(27) - Araraquara (SP), 1984.

_____. *Revivendo Mato Grosso*. Cuiabá, MEC/SEDUC, 1997.

SOARES, José Carlos de Macedo. *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939. (Coleção Documentos Brasileiros)

SOUZA, Laura de Mello e. *Os desclassificados do ouro*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

STEINEN, Karl Von Den. *O Brasil Central*. Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1942

VOLPATO, Luisa Rios Ricci. *A Conquista da terra no universo da pobreza*. São Paulo, Hucitec; Brasília, INL, 1987.

_____. *Cativos do Sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. São Paulo, Ed. Marco Zero, Cuiabá, Ed. da UFMT, 1993.